

MUDANÇA ESTRUTURAL NAS FORMAS DE MANIFESTAÇÃO DE OBJETOS DIRETOS TOPICALIZADOS NO PORTUGUÊS CLÁSSICO A PARTIR DO SÉC. XVIII

Alba Verona GIBRAIL¹

RESUMO: O Português Clássico instancia objetos diretos topicalizados em duas configurações distintas: na forma de estrutura de Topicalização, que Gibrail (2010) define como estrutura de Top-V2, e/ou na forma de Deslocação à Esquerda Clítica (DEC). Nas estruturas de Top-V2, o objeto direto ocupa o Spec de um núcleo Top projetado dentro da oração, evidenciado pelo uso generalizado da próclise nas ocorrências com clíticos. Nas estruturas de DEC, o objeto direto topicalizado é realizado como um adjunto em posição externa à oração, definida pelo uso dos clíticos resumptivos em ênclise. A partir do séc. XVIII, ocorrem mudanças estruturais que levam à restrição de formação de objeto direto topicalizado na forma de Top-V2, levando ao aumento concomitante de sua realização na forma de DEC.

PALAVRAS-CHAVE: Português Clássico. Objeto direto topicalizado. Estrutura de Top-V2. Estrutura de DEC. Mudança gramatical.

¹Pós-doutoranda no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, atuando como pesquisadora colaboradora junto ao projeto temático “A Língua Portuguesa no Tempo e no Espaço: contato linguístico, gramáticas em competição e mudança paramétrica”, financiado pela FAPESP e dirigido pela Profa. Dra. Charlotte Marie C. Galves. E-mail: avbgibrail@uol.com.br

Introdução

O objetivo deste artigo é apresentar as formas e os contextos de licenciamento de objetos diretos topicalizados no Português Clássico, com os dados levantados junto ao *Corpus Tycho Brahe*² de textos de autores portugueses nascidos entre o começo do séc. XVI e meados do séc. XIX, ressaltando as evidências empíricas que confirmam uma mudança nessa gramática a partir do séc. XVIII, emergida na restrição de topicalização desse constituinte na forma de Top-V2 e evolução de sua realização na forma de DEC. Com este objetivo, o artigo apresenta um estudo comparativo das formas e dos contextos de topicalização de objetos diretos licenciados nesses textos. Os exemplos a serem apresentados integram os *corpora* disponibilizados na tese de doutorado de Gibrail (2010).

O artigo compõe-se de duas seções. A primeira seção, intitulada “Formas de manifestação de objetos diretos topicalizados no Português Clássico”, apresenta um estudo comparativo dos contextos de formação de objetos diretos topicalizados no português dos sécs. XVI-XVII, apontando as mudanças processadas no licenciamento dessas construções a partir do séc. XVIII. A segunda seção, intitulada “Restrição de uso estruturas de Top-V2 e aumento de uso de estruturas de DEC a partir do séc. XVIII”, apresenta a mudança evidenciada nos textos dos autores nascidos no séc. XVIII e meados do séc. XIX de restrição da frequência de uso de objetos diretos topicalizados na forma de estruturas de Top-V2 e evolução de seu uso na forma de DEC.

² O *Corpus Histórico do Português Tycho Brahe* é um corpus eletrônico anotado, composto de textos portugueses escritos entre os séculos XVI e XIX. Seu desenvolvimento é parte do Projeto Padrões Rítmicos, Fixação de Parâmetros e Mudança Linguística, financiado pela FAPESP e dirigido pela Profa. Dra. Charlotte Marie C. Galves. Disponível em: <www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus>.

Formas de manifestação de objetos diretos topicalizados no Português Clássico

O Português Clássico (doravante, PCI) licencia objetos diretos topicalizados em duas configurações distintas: na forma de estrutura de Topicalização, que Gibrail (2010) define como Top-V2, com o objeto direto fronteado ocupando o Spec de um núcleo Top projetado dentro da oração (GALVES, 2003, 2009) e/ou na forma de DEC, com esse constituinte topicalizado realizado como um adjunto, sendo retomado por um clítico resumptivo³ dentro da oração.

Conquanto essa gramática instancie objetos diretos nestas duas configurações, os dados dos autores nascidos nos sécs. XVI-XVII apresentam frequência maior de sua topicalização na forma de Top-V2.

- (1) *E esta carta* enviareis lloguo ao ministro, onde quer que estiver; (D. Couto, séc. XVI)
- (2) *O fim da minha jornada* verá Vossa Excelência pelas cartas de Sua Majestade que remete a Vossa Excelência o Residente, (A. Vieira, séc. XVII, Cartas)
- (3) *Ao Correo mor* vio tambem em huma graue doença, que padeceo, (M. do Céu, séc. XVII)

Em sentenças com clíticos, as estruturas de Top-V2 apresentam esses pronomes de forma generalizada em posição proclítica. A realização da próclise nessas sentenças é o fator que permite definir o objeto topicalizado dentro da oração. Nas formulações de Galves (2003, 2009), um dos fatores que vêm definir o objeto direto topicalizado em posição interna à oração nos textos do séc. XVI e séc. XVII é a generalização de uso de clíticos em próclise em sentenças de ordem V2. De acordo com essa autora, “uma característica importante desse tipo de construção é que o sintagma fronteado não é retomado

³ Pronome resumptivo é um elemento pronominal que é obrigatoriamente referencial ao sintagma topicalizado e ocupa uma posição dentro da oração (McCLOSKEY, 1997, p. 1). Nas estruturas de DEC, o objeto direto, na condição de um sintagma referencial completo, é retomado por um clítico que carrega os mesmos traços-phi e o mesmo Caso desse constituinte topicalizado (CINQUE, 1990).

por um pronome na oração”. (GALVES 2009, p. 16)

(4) *As vyas vos envio per este moço d’estribeira;* (D. João III, séc. XVI)

(5) *O aviso do triguo vos agardeço muyto.* (D. Couto, séc. XVI)

(6) *As misérias de Madrid me* participou o senhor Marquês das Minas, se bem as dissimulam as cartas castelhanas. (A. Vieira, séc. XVII, Cartas)

Considerando a interpretação de tópico e/ou foco atribuída ao sintagma frontado nas sentenças declarativas finitas de ordem V2 (GALVES; PAIXÃO DE SOUSA; BRITTO, 2005; GALVES; PAIXÃO DE SOUSA, 2005; GIBRAIL, 2010; PAIXÃO DE SOUSA, 2004), assumem-se, no presente trabalho, como estruturas de tópico, os objetos diretos realizados por sintagmas nominais referenciais. A interpretação de foco desse constituinte frontado é mais definida nas ocorrências que o apresentam na categoria de sintagma não referencial (BARBOSA, 1991, 1996, 2009; CINQUE, 1990; KATO, 1998, 2000, 2009; MARTINS, 1994, 2013; RAPOSO, 2000; RIZZI, 1997, 2004)⁴.

(7) *Tudo* depus e me sacrifiquei alegre para morrer

(8) *Muito* devemos àqueles que nos ajudam a correr no caminho dos Mandamentos de Deus (M. Bernardes, séc. XVII)

(9) E dizer que *nenhuma duvida* tinha, he falso. (M. da Costa, séc. XVII)

Nas considerações de Barbosa (1991, 1996, 2009), o conjunto de expressões que desencadeiam a próclise no Português Europeu (PE) coincide

4 Barbosa (1991, p. 44) define o sujeito pré-verbal como tópico nas orações finitas com clíticos em ênclise do PE. Na observação dessa autora, o conjunto de expressões pré-verbais que desencadeiam a próclise, seja o sujeito e/ou o objeto, coincide com o conjunto de expressões que não podem ser tópicos nas CLLD: quantificadores nus, quantificadores negativos, quantificadores indefinidos não específicos (algum) e DPs modificados por operadores de foco (já, somente etc). Objetos quantificadores negativos não podem ser deslocados à esquerda com retomada de clítico (redobramento de clítico). Rizzi (1997) observa que quantificadores que são incompatíveis com clíticos resumptivos podem ser focalizados. Para esse autor (2004, p. 14-16), somente expressões nominais referenciais são tópicos naturais. Elementos que não são tópicos naturais podem se tornar tópicos em condições contextuais especiais, isto é, quando eles já tiverem sido mencionados no discurso imediatamente prévio.

com o conjunto de expressões que são incompatíveis com a DEC. A ênclise é o padrão observado na DEC de objeto nessa gramática; a próclise é o padrão observado na anteposição de quantificadores negativos ou indefinidos não específicos.

As ocorrências que licenciam objetos diretos fronteados na categoria de sintagmas nominais referenciais nus são analisadas como estruturas de Top-V2, na observação de que objetos diretos dessa natureza em posição pré-verbal, nos textos a partir do séc. XVIII, são instanciados em estruturas de DEC.

- (10) *Razões* tinha o nosso Arcebispo bem suficientes pera poder furtar o corpo ao trabalho de tão comprida jornada. (Sousa, séc. XVI)
- (11) *Ancora* lançou Castella em Portugal, e ferrou a unha taõ rijamente, que o não largou por espaço de sessenta annos. (M. da Costa, séc. XVII)
- (12) *Fortaleza de ânimo* lhe encomendo a Vossa Mercê, (A. Chagas, séc. XVII)

Outro fato observado nos textos do séc. XVI e séc. XVII é a propriedade do PCI de topicalizar objetos diretos na forma de sintagmas descontínuos. Os textos desse período apresentam ocorrências que dispõem de partes de mini-orações topicalizadas e/ou focalizadas. A frequência maior de ocorrências de partes de mini-orações topicalizadas e/ou focalizadas é atestada com o sujeito dessa estrutura, permanecendo o seu predicado *in situ*.

- (13) *A Guilherme* criou *Marquês de Monferrato*; (R. Lobo, séc. XVI)
- (14) *A Hercules* pintou a Antiguidade *ornado com huma Clava, que lhe arma as mãos,* e com cadeas, e redes, que lhe sayem da boca, e levaõ preza infinita gente. (M. da Costa, séc. XVII)
- (15) *As ruínas* veria Vossa Mercê *lastimosas,* se agora aqui se achasse, no estrago que fez um depósito de pólvora, (A. de Gusmão, séc. XVII)

Na forma de sintagmas descontínuos, há também topicalização e/ou focalização de complemento de objeto direto, permanecendo o núcleo desse constituinte no VP.

- (16) *Das mesas de Cleópatra, das hortas e banquetes de Luculo, dos manjares e convites de Heliogábalos, êle tem a culpa.* (F. Lobo, séc. XVI)
- (17) *De Fernando Afonso dão noticia duas Escrituras do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra,* (A. Brandão, séc. XVI)
- (18) *Do padre Frei Ene tive carta:* (A. Chagas, séc. XVII)

Essa é a forma de estrutura de tópico/foco realizada também com complementos de predicados de mini-oração.

- (19) *De armas, e sabedoria vemos ornado, e fortalecido a Vossa Alteza assim porque tem todas as de Portugal (que monta tanto como as do mundo) á sua obediencia,* (M. da Costa, séc. XVII)

Não há, nos textos desse período, ocorrências de DEC formadas com sintagmas descontínuos. A ausência, nesses textos, de DEC de objetos diretos na forma de sintagmas descontínuos e a sua topicalização na forma de Top-V2 confirmam a propriedade do PCI de licenciar tópicos que são gerados por movimento de um constituinte do VP para um núcleo Top dentro da oração e/ou tópicos que são gerados na base em posição de adjunção à oração, sendo o clítico resumptivo o verdadeiro argumento do verbo, como defende Cinque (1990) para as construções de DEC em gramáticas românicas modernas.

Os textos dos séc. XVIII e séc. XIX reafirmam a restrição de formação de DEC com objetos diretos na categoria de sintagmas descontínuos. Não há nos dados levantados desses textos ocorrências de DEC com a topicalização de partes de mini-orações e/ou de complemento de núcleo de objetos diretos.

Importa acentuar que a generalização de uso da próclise nas ocorrências de Top-V2 em sentenças com clíticos nos textos do séc. XVI e séc. XVII não é extensiva às ocorrências que dispõem desse constituinte topicalizado em configuração de DEC. Objetos diretos topicalizados na forma de DEC apresentam variação de uso de clíticos resumptivos em próclise e/ou em ênclise.

Em sentenças de ordem linear V2, as ocorrências de DEC com próclise em ambientes não proclisadores são mais restritas.

- (20) outra se chama visão obscura, e *esta a* tem os que no mundo chegam a fazer actos de fé. (M. do Céu, séc. XVII)
- (21) *A maior parte das fortunas do duque Dom Teodósio as* desfez logo Dom João, fabricando outras de novo. (M. de Melo, séc. XVII, Tácito Português)
- (22) *A huma pessoa grande que lhe comunicou o intento que tinha na escolha de marido, para a herdeyra de sua caza, a* persuadia que mudasse de intento, (M. do Céu, séc. XVII)

A frequência maior de uso dessas construções com próclise ocorre com o clítico em ambiente de próclise obrigatória, com esse pronome precedido de um operador de foco, de um operador adverbial de negação e/ou quando o objeto topicalizado é licenciado em ambientes de oração subordinada.

- (23) que, *se os pecados só os* comete a vontade, pouco importa que haja algum reboliço natural ou diabólico, *se o não consente a vontade, ainda que a natureza os* sinta. (M. da Costa, séc. XVII)
- (24) *A oração não a* largue, ou seja assim ou assim. (M. do Céu, séc. XVII)
- (25) *A outra mortificação extraordinária não a* faça sem ordem expressa, salvo *se lho* mandar a obediência. (M. do Céu, séc. XVII)
- (26) porque *estas não as* lança o mar à costa muitas vezes; (A. Chagas, séc. XVII)

Nos textos desse período, a variante com ênclise é realizada em ambiente de paralelismo sentencial.

- (27) *ao austinado* move-o á compunção; o mundano á penitencia; o contemplativo á contemplação e medo e vergonha. (F. de Holanda, séc. XVI)
- (28) E *isto sabe-o* Deos e sabe-o Roma. (F. de Holanda, séc. XVI)
- (29) os peccados soffremol-*os* facilmente; os milagres não os podemos soffrer. (A. Vieira, séc. XVII, Sermões)

- (30) *Ao gigante* derrubou-o a pedra, e *a David* o sonido. (A. Vieira, séc. XVII, Sermões)
- (31) *Aos apóstolos sagrados* trocou-lhes a pesca de peixes pela de homens, no Mar do século: *a São Mateus* mudou-lhe o livro das contas pelo do Evangelho. (M. Bernardes, séc. XVII)

Nessas sentenças, segundo Galves (2003, 2009) e Galves, Paixão de Sousa e Britto (2005)⁵, o objeto direto ocupa uma posição externa à oração. Desse ponto de vista, a ênclise é vista como um fenômeno V1, ou seja, acontece quando o verbo está em primeira posição na oração. Galves e Sândalo (2012) reinterpreta esse fato como um fato puramente prosódico, com a ênclise no PCI derivando da Lei de Tobler-Mussafia, que impede um pronome clítico de aparecer em primeira posição na frase entoacional. Isso, segundo as autoras, é compatível com uma análise sintática em que o sujeito ocupa uma posição alta no CP da teoria cartográfica de Rizzi (1997).

Galves e Paixão de Sousa (comunicação pessoal) defendem que a colocação dos clíticos no PCI é consistente com as observações de Frascarelli e Hinterhölzl (2007) de que os tópicos ocupando as posições mais altas da periferia esquerda – ‘aboutness topics’ e ‘contrastive topics’ - estão associados, em italiano e alemão, a contornos prosódicos que são independentes do resto da oração.

O PCI licencia com maior frequência clíticos em próclise nas sentenças declarativas finitas de ordem V2 com o fronteamto de qualquer constituinte da oração, inclusive o sujeito. Em sentenças com o sujeito pré-verbal, o clítico em ênclise ocorre quando esse argumento é um tópico contrastivo, como nas ocorrências em (32) e (33) a seguir, levantadas dos *Sermões* de Antonio Viei-

⁵ Galves; Paixão de Sousa, Britto (2005) sustentam que a colocação de clíticos no PCI é regida pela lei de Tobler-Mussafia, sendo um fenômeno sensível às fronteiras prosódicas. Se o verbo e o sintagma que o precede se acham dentro do mesmo contorno entoacional, ou seja, numa mesma Frase Entoacional (IntP), o clítico é pré-verbal. Se eles são separados por uma fronteira de IntP, o clítico é pós-verbal. Em outras palavras, a ênclise em construções com o verbo em segunda posição (V2) é um caso particular da ênclise em V1.

ra, autor nascido no séc. XVII (GALVES; PAIXÃO DE SOUSA; BRITTO, 2005, p. 15).

(32) *Elles* conheciam-se como homens, *Christo* conhecia-os, como Deus.

(33) *Deus* julga-nos a nós por nós; *os homens* julgam-nos a nós por si.

Nessas sentenças, o verbo finito é o primeiro elemento a compor o contorno prosódico da oração.

Nos dados a seguir, levantados por Galves (2003), de sentenças de ordem V3 com sujeitos em posição pré-verbal e uso de clíticos em ênclise, o sujeito é separado do verbo por um sintagma adjungido à oração.

(34) *Nós, pelo contrário*, pegamo-nos a que tudo se deve repor no estado em que estava ao tempo da publicação da trégua

(35) E mais *Abel, Senhor*, salvou-se, e está no céu.

Os textos desse período apresentam ocorrências de objeto direto topicalizado em estruturas de DEC de ordem V2/V3, com agrupamento de clíticos acusativo e dativo em posição de próclise, em ambientes categóricos e não categóricos.

(36) E porem, porque ysto Martim mo nam estreve, (D. João III, séc. XVI, Cartas)

(37) *grandes razões de Estado*, não sei se firmes, *lhas* solicitaram, omissa ou intercadente. (M. de Melo, séc. XVII, Tácito Português)

(38) *O entendimento*, que é nosso, não *no-lo* querem deixar. (M. de Melo, séc. XVII, Cartas)

(39) Assim em São Guilherme, duque de Aquitânia, *as grandes forças e braveza de ânimo que tinha para insultos lhas* deixou para extraordinárias penitências. (M. Bernardes, séc. XVII)

(40) Em Santo Agostinho *a agudeza nos argumentos*, *lha* conservou contra os hereges. (M. Bernardes, séc. XVII)

A DEC com próclise em (36) apresenta o clítico acusativo (o clítico resumptivo) aglutinado a um clítico dativo no contexto de uma oração subordinada, a qual instancia o fenômeno da interpolação, com o operador de negação *não* se interpondo entre os clíticos aglutinados e o verbo finito. Esse é um ambiente sintático categórico de uso desse pronome em posição pré-verbal no Português Antigo e Clássico (MARTINS, 2004; NAMIUTI, 2006, 2008). Em (38), o operador de negação *não* precede os clíticos aglutinados. Em contrapartida, as ocorrências de DEC de ordem V3 em (37), (39) e (40), dispõem dos clíticos aglutinados em próclise em ambientes que não se caracterizam como ambientes de próclise obrigatória. Em (37), uma estrutura oracional se interpõe entre o objeto direto topicalizado e os clíticos aglutinados. Em (39) e (40), um sintagma preposicional (PP) precede o objeto direto topicalizado. Perante esses fatos, uma explicação para justificar o uso da próclise nessas construções de DEC é assumir que objetos topicalizados que são precedidos por PPs e/ou são seguidos de estruturas oracionais intercaladas são fatores sintáticos que desencadeiam a próclise no PCI.

Convém destacar que os textos do séc. XVI e séc. XVII também apresentam estruturas de DEC em sentenças V3 de ordem OSV com clíticos em próclise, inclusive em ambientes não proclisadores.

- (41) *Esta deferença vos a* conheçereis e sabereis mui bem fazer, no modo que se deve e que eu seja de vos mui bem servido (D. João III, séc. XVI)
- (42) E *a architectura eu a* comparo e lhe chamo pintura incorporada em matérias grossas (F. de Holanda, séc. XVI)
- (43) declaro, que *os tais livros, & Auctores condemnados*, eu *os* condemno & reprovoo, (B. de Brito, séc. XVI)
- (44) E já disse o proverbio, que *palavras, e plumas*, o vento *as* leva. (M. da Costa, séc. XVII)
- (45) *Esau e Jacob* o sangue *os* fez irmãos inteiros, (M. Bernardes, séc. XVII)

A realização de clíticos resumptivos em próclise nas estruturas de DEC de ordem OSV nos exemplos (41), (42) e (45), assegura a projeção da sintaxe de ordem V2 nessas sentenças. A sintaxe V2 é definida pelo sujeito que ocupa um núcleo funcional projetado dentro do contorno prosódico da oração. Em (43) e (44), as estruturas de DEC são formadas em orações subordinadas, contextos de próclise obrigatória.

Outro fato atestado é ausência nos dados dos textos do séc. XVI e séc. XVII de estruturas de DEC de objeto direto na ordem SOV. A restrição de formação de DEC de objeto direto nessa ordem estabelece que o português do séc. XVI e séc. XVII não licencia sujeitos na periferia esquerda ocupando uma posição acima da posição de adjunção do objeto direto topicalizado. Essa restrição pode ser tomada como evidência empírica robusta de que o sujeito deslocado para uma posição de adjunção pré-verbal e o objeto direto topicalizado das estruturas de DEC coocorrem para uma mesma posição na periferia esquerda. Uma posição pré-verbal destinada ao objeto topicalizado das DEC e/ou ao sujeito deslocado é defendida por Paixão de Sousa ao analisar as sentenças declarativas finitas de ordem SV sem clíticos. Segundo essa autora,

[...] os sujeitos referenciais em sentenças de ordem V2 sem clíticos são o ambiente mais ambíguo para se postular a adjunção ou o fronteamento, haja vista que, na condição de um argumento do verbo, esse elemento pode ser fronteado. Por outro lado, na condição de um constituinte com referencialidade garantida, o sujeito deslocado pode ser retomado no interior da frase, inclusive por uma categoria vazia; portanto, podendo se caracterizar como um adjunto. (2004, p. 250)

Não há, entretanto, restrição de formação de sentenças V3 de ordem SOV, com o objeto topicalizado e/ou focalizado na forma de Top/Foc-V2. Nos exemplos a seguir, a interpretação de tópico pode ser atribuída ao objeto direto em (46), tendo em conta a categoria de sintagma referencial desse elemento. Na literatura linguística, o tópico é expresso por um sintagma que tem

o estatuto de informação *velha*, de elemento *dado*, já referido no discurso imediatamente prévio. No exemplo em (47), o objeto direto, realizado por um sintagma não referencial, não é um elemento retomado do discurso prévio. Na condição de um sintagma não referencial, esse constituinte não pode ser interpretado como um tópico, não podendo, nessa construção, ser retomado por um clítico na oração, como nas estruturas de DEC (CLLD). O seu deslocamento para a periferia esquerda pode, nesse caso, ser justificado por ser um elemento que expressa foco (BARBOSA, 1991, 1996, 2009; CINQUE, 1990; KATO, 1998, 2000, 2009; MARTINS, 1994, 2013; RAPOSO, 2000; RIZZI, 1997, 2004). Ainda que esses autores descrevam fenômenos distintos em gramáticas diferentes, suas pesquisas confirmam que um sintagma não referencial em posição pré-verbal não pode ser interpretado como tópico.

(46) *mas todavia eu a el-rei sirvo de Portugal*, (F. de Holanda, séc. XVI)

(47) *e eu nenhuma outra cousa pretendo e rogo*. (M. de Melo, séc. XVII, Cartas)

A realização dessas construções com clíticos em próclise confirma que o PCI legitima sujeitos em posição de adjunção acima da posição de realização do Top-V2 e/ou do Foc-V2, sendo essas posições projetadas dentro do contorno intoacional da frase. Assim, as produções de ordem SOV podem ser analisadas como estruturas de DEC de sujeito, considerando a postulação de Paixão de Sousa de que nas sentenças V3 de ordem SXV/OXV, com a posição de X ocupada por outro elemento da oração,

[...] o tópico da frase está externo e coincide com o sujeito gramatical ou o complemento do verbo no interior da frase-comentário. Os adjuntos que coincidem com o os complementos do verbo remetem a pronomes (os clíticos, nas DEC) ou a um elemento vazio (nos sistemas que admitem o objeto nulo); os sujeitos adjuntos podem remeter ao sujeito nulo no interior da frase. (2004, p. 260)

Diferente da restrição atestada de topicalização de objeto na forma de DEC de ordem SOV, apontada acima, com o sujeito deslocado para a periferia esquerda, o PCI licencia a topicalização desse argumento conjuntamente com outras estruturas de adjunção, como PPs antecedendo o objeto topicalizado e/ou estruturas oracionais intercaladas entre o tópico e o verbo.

Os textos dos séc. XVI e séc. XVII também apresentam objetos diretos topicalizados em estruturas de DEC na ordem OXV com clíticos resumptivos em posição de próclise e com a posição de X ocupada por uma estrutura oracional adverbial.

- (48) & a dezasete que escapamos cõ vida, atados de pès & de mãos nos meterão no seu Navio. (M. Pinto, séc. XVI)
- (49) e assim as partes vergonhosas do corpo, por terem pouca graça, as cobre ou com panos, ou com folhagens, ou com as mãos. (P. de Almeida, séc. XVI)
- (50) A contrária verdade, além de ser de fé, (como consta de muitos lugares da Sagrada Escritura e do concílio Lateranense e consenso universal dos Santos Padres), a tiveram até os filósofos étnicos, Pitágoras, Sócrates, Platão, (M. Bernardes, séc. XVII)

Há formação da variante com ênclise nesses mesmos ambientes sentenciais.

- (51) Aos clérigos que achava de boa vida e boa fama, depois de apontar o nome e lugar em que moravam, sinalava-os com um círculo de campo branco; (L. de Sousa, séc. XVI)
- (52) Assim todas as coisas d'este mundo, por grandes e estaveis que pareçam, tirou-as Deus com o mesmo mundo do não ser ao ser; (A. Vieira, séc. XVII, Sermões)
- (53) As minhas cartas, quando Vossa Mercê lhe achar alguma cousa, que sem nojo possa aproveitar a alguém, mostre-as, se quiser; (A. Chagas, séc. XVII)

Nessas orações, a próclise e/ou a ênclise não podem ser justificadas em conformidade com a generalização de Tobler-Mussafia, como propõe Galves; Paixão de Sousa; Britto (2005) para a variação da ordem de realização desses

pronomes nas sentenças declarativas finitas de ordem XPV(S). Outros fatores sintáticos e/ou prosódicos motivam a disposição pré-verbal dos clíticos resumptivos.

Por outro lado, os textos desse período apresentam ocorrências de sentenças V3 de ordem OSV, com o objeto direto realizado por sintagma não referencial, o que exclui a sua interpretação como tópico, podendo, no entanto, ser interpretado como foco, de acordo com Barbosa (1991, 1996, 2009); Cinque (1990); Kato (1998, 2009); Martins (1994, 2013); Raposo (2000); Rizzi (1997, 2004), citados acima.

(54) porque, como disse Publico Mímio, *nenhuma cousa* o avaro faz boa senão quando morre, (F. Lobo, séc. XVI)

(55) *tudo* as damas podem dever a este Rey, escusando suas vaydades (B. de Brito, séc. XVI)

A projeção de um núcleo Foc acima da posição que precede imediatamente o verbo, ocupada pelo sujeito, revela que português do séc. XVI e séc. XVII instancia construções com a projeção de dois núcleos funcionais em posição pré-verbal dentro da oração. Essa propriedade do PCl é confirmada nas ocorrências de sentenças V3 de ordem SOV, nas quais o sujeito, em posição mais alta, é um quantificador nu e/ou um sintagma quantificado.

(56) *Outros* toda a polvora gastaõ em dar conselhos politicos a quem lhos não pede, (M. da Costa, séc. XVII)

(57) *Tudo* seus avessos tem (M. Bernardes, séc. XVII)

A condição de estruturas de variação dessas construções de ordem OSV/SOV pode justificar a frequência baixa de seu uso nos textos desse período. Por outro lado, a projeção de um núcleo Foc acima da posição que precede imediatamente o verbo explica a formação de sentenças de ordem OXV com o objeto em posição mais alta na categoria de sintagma referencial, sem que

este elemento seja retomado por um clítico na oração e outro elemento, inclusive o sujeito, ocupando a posição de X. Assim, as construções de ordem OSV que dispõem de objetos diretos referenciais sem retomada visível de clíticos na oração podem ser justificadas em função de sua realização como foco. Não sendo foco, os objetos diretos na categoria de sintagmas referenciais em sentenças de ordem OXV são tópicos realizados em configuração de DEC., como é mostrado nas ocorrências em (41 - 45), acima.

Nos textos do séc. XVIII e séc. XIX, diminui o uso de sentenças de ordem SOV, aumentando, por outro lado, o uso da ordem variante OSV, com o objeto em posição mais alta, precedido por e/ou seguido de um operador de foco, ou com o objeto na categoria de um sintagma não referencial.

(58) Tudo *ele* teme (C. de Oliveira, séc. XVIII)

(59) *a Galocha já eu* recusei - bem vês, não podia formar uma aliança que me não desse os meios de sustentar a posição social em que me acho collocado. (A. Garrett, séc. XIX, Teatro)

(60) Se não sabe outro, *esse já eu* conheço. (A. Garrett, séc. 19, Teatro)

Não sendo em contextos de foco, as ocorrências de ordem OSV com objetos diretos na categoria de sintagma referencial nessa posição são produções de DEC.

(61) *e esse privilégio concedido a Vossa Paternidade* nem todo o mundo *o* logra. (C. de Oliveira, séc. XVIII)

(62) *A história* eles mesmo *a* fazem. (A. Verney, séc. XVIII)

(63) *essa final e fatal palavra amo-te*, Joanhinha *a* pronunciara tão naturalmente, tão sincera, tão sem dificuldades nem hesitações, (A. Garrett, séc. XIX, Viagens)

(64) *A ameaça* só ela *a* ouviu; (C. Branco, séc. XIX)

Restrição de uso estruturas de Top-V2 e aumento de uso de estruturas de DEC a partir do séc. XVIII

Ainda que os textos dos séc. XVIII e séc. XIX apresentem ocorrências de objetos diretos na forma de estrutura de Top-V2, atesta-se, nessas obras, evolução no uso desse constituinte topicalizado na forma de DEC. A mudança gramatical em desenvolvimento na língua a partir do séc. XVIII (GALVES, 2003, 2009; GALVES; PAIXÃO DE SOUSA; BRITTO 2005; GALVES; PAIXÃO DE SOUSA, 2005; GIBRAIL, 2010) é ratificada não só pela tendência dos autores nascidos nesse período de topicalizar objetos diretos em configuração de DEC, mas também de formar tal construção com clíticos em ênclise. A forma variante com próclise em ambientes não categóricos apresenta frequência restrita de uso.

(65) e *a história a* fazem renascer a cada instante. (M. Aires, séc. XVIII)

(66) essa final e fatal palavra *amo-te*, Joanhina *a* pronunciara tão naturalmente, tão sincera, tão sem dificuldades nem hesitações, (A. Garrett, séc. XIX, Viagens)

A frequência elevada dessa construção com próclise nessas obras fica por conta de sua realização em contextos que motivam o uso de clíticos em posição pré-verbal. Nos dados a seguir, o sintagma focalizador – *só* – precede o clítico em (67); em (68) é o advérbio de negação – *não* – que o precede.

(67) *A toilette, de que usava, só a* tornei a vêr nas danças do teatro de São Carlos, no tempo dos grotescos. (M. de Fronteira, séc. XIX)

(68) *Esta condecoração não a* porei absolutamente nunca em Portugal a não ser dentro da legação de Espanha, que é território espanhol. (R. Ortigão, séc. XIX)

Evoluiu nos textos desse período o uso de DEC de ordem V2 com ênclise.

- (69) *Os primeiros princípios, e os primeiros movimentos* reservou-os para si a Providência, (M. Aires, séc. XVIII)
- (70) *mas as teorias filosóficas dos liberais*, escarnecia-as como absurdas, rejeitava-as como perversoras de toda a ideia sã, (A. Garrett, séc. XIX, Viagens)
- (71) *As companhias da relé* desprezou-as. (C. Branco, séc. XIX)
- (72) *A história que se prestava pelo pitoresco*, contei-a com tão bom humor que fiz chorar de riso. (R. Ortigão, séc. XIX)
- (73) O Prado espero-o aqui todos os dias, solteiro creio eu. (E. de Queiróz, séc. XIX)

Considerando a tendência enclítica da outra gramática subjacente à produção escrita dos autores nascidos nesse período (GALVES; PAIXÃO DE SOUSA; BRITTO, 2005; GALVES; PAIXÃO DE SOUSA, 2005, GIBRAIL, 2010, PAIXÃO DE SOUSA, 2004), as ocorrências de DEC nos exemplos em (65) e (66), acima, podem ser tomadas como estruturas de tópico, formadas por esse outro sistema gramatical. Em ambientes não categóricos, essas estruturas de DEC dispõem do clítico resumptivo em ênclise.

Nos textos do séc. XVI e séc. XVII, como é apontado na primeira seção deste artigo, a topicalização de objetos diretos em configuração de DEC de ordem V2 com clíticos resumptivos em ênclise ocorre em contextos de paralelismo sentencial; nos textos do séc. XVIII e séc. XIX, há ausência de DEC de objetos diretos com ênclise formada nesse contexto.

A mudança processada no português a partir do séc. XVIII de restrição de topicalização de objetos diretos na forma de Top-V2 e evolução de seu uso na forma de DEC é confirmada nos contextos que licenciam esse constituinte na categoria de sintagmas nominais nus. Nos textos do séc. XVI e séc. XVII, conforme é destacado nos exemplos (10-12), na primeira seção deste artigo, objetos diretos na categoria de sintagmas nominais nus expressando tópico são instanciados na forma de Top-V2; nos textos do séc. XVIII e séc. XIX, objetos dessa natureza são topicalizados, exclusivamente, na forma de DEC.

- (74) Orgulho não o tive; (A. Garrett, séc. XIX, Cartas)
- (75) Oh! bem entendido: *décima e impostos annexos*, por este anno ainda lhe pertence a vossa senhoria pagá-los. (A. Garrett, séc. XIX, Teatro)
- (76) *Notícias deu-mas*, se as quis, a Senhora Dona Benedicta, (E. de Queiróz, séc. XIX)
- (77) *Homens também os não havia* – uns tinham morrido na África, outros andavam rezando pelas igrejas de Lisboa. (E. de Queiróz, séc. XIX)

Necessário se faz dizer que a tendência do português a partir do séc. XVIII de licenciar objetos diretos topicalizados em estrutura de DEC justifica a restrição de topicalização de sintagmas descontínuos, seja de partes de uma mini-oração, seja de complementos de núcleos desse argumento. Nas estruturas de DEC, o objeto direto, na condição de um sintagma referencial completo, é retomado por um clítico que carrega os mesmos traços-phi e o mesmo Caso desse constituinte topicalizado (CINQUE, 1990).

A mudança de sistema gramatical em evolução no português a partir do séc. XVIII é visível também no uso de estruturas de DEC de ordem V3. Os textos do séc. XVIII e o texto do séc. XIX, *Viagens na minha terra*, de A. Garret, ainda apresentam ocorrências desse tipo de construção com próclise em ambientes não categóricos; nos outros textos do séc. XIX, há ausência de dados de DEC de ordem V3 com próclise nesses ambientes sentenciais.

- (78) *A magoa que ahinda Presentemente oprime meu Coração eu a Comonico a Vossa Senhoria*. (P. Manique, séc. XIX)
- (79) *essa final e fatal palavra amo-te*, Joanhina a pronunciara tão naturalmente, tão sincera, tão sem dificuldades nem hesitações, (A. Garrett, séc. XIX, Viagens)
- (80) *Os seus lindos olhos na terra os pregava*. (A. Garrett, séc. XIX, Viagens)

A presença de objetos diretos topicalizados na forma de Top-V2 e na forma de DEC com próclise nos textos dos sécs. XVIII-XIX, paralelamente à evolução de uso desse argumento verbal topicalizado em configuração de DEC com clíticos resumptivos em ênclise, reflete a competição de gramáticas

distintas nessas obras. Na perspectiva da proposta de KROCH (1989, 1994, 2001), a competição de gramáticas emerge no uso, em moldes clássicos, de objetos diretos topicalizados na forma de Top V2 e em seu uso, em moldes modernos, na forma de DEC. A gramática subjacente aos textos dos autores dos sécs. XVI-XVII se caracteriza pela propriedade de deslocar objetos diretos para o Spec de um núcleo Top projetado dentro da estrutura prosódica da oração; em contrapartida, o novo sistema que emerge na produção escrita dos autores nascidos a partir do séc. XVIII apresenta, no uso de estruturas de tópico e foco, propriedades que o aproxima do português europeu moderno na formação dessas construções (BARBOSA, 1991, 1996, 2009).

Um dos fatores que permitem assegurar a atuação de outro sistema gramatical no licenciamento de objetos diretos topicalizados no português a partir do séc. XVIII é a ocorrência, nessas obras, de outras mudanças estruturais; entre elas, a queda significativa da frequência de uso de sintagmas com funções diferentes de sujeito e/ou de sintagmas adverbiais em posição pré-verbal, paralelamente à queda de formação de sentenças transitivas com inversão germânica, ocorrendo, nesse período, evolução de sua formação na ordem SV (GALVES; GIBRAIL, 2012; GIBRAIL, 2010; PAIXÃO DE SOUSA, 2004). A restrição de uso de sintagmas com funções diferentes de sujeito fronteados revela que, nesse outro sistema gramatical em processamento na língua, a posição pré-verbal é destinada ao sujeito. Nessa nova gramática, o verbo finito e o sujeito não ocupam posições mais altas na estrutura da frase (ANTONELLI, 2006, 2011; GALVES; PAIXÃO DE SOUSA, 2013); por conseguinte, a sintaxe de ordem V2 não é projetada. A ordem SVO passa a ser a ordem não marcada das estruturas transitivas das sentenças declarativas finitas (GALVES; PAIXÃO DE SOUSA; BRITTO, 2005, GALVES; PAIXÃO DE SOUSA, 2005; PAIXÃO DE SOUSA, 2004).

Considerações finais

Este artigo apresentou as mudanças estruturais atestadas nas formas e nos contextos de licenciamento de objetos diretos topicalizados no PCI a partir do séc. XVIII. Foi apresentado um estudo comparativo do uso dessa construção nos textos de autores portugueses nascidos entre o séc. XVI e séc. XVII e de autores nascidos entre o séc. XVIII e meados do séc. XIX, formadores do Corpus Histórico do Português Tycho Brahe, com dados disponibilizados nos corpora organizados por GIBRAIL (2010) em sua tese de doutoramento. Considerando que os textos de ambos os períodos apresentam objetos diretos topicalizados na forma de Top-V2 e/ou na forma de DEC e que a mudança evidenciada a partir do séc. XVIII é concernente à restrição da frequência de uso desse argumento topicalizado na forma de estrutura de Top-V2 e evolução de uso na forma de DEC, foram apresentadas descrições comparativas dos contextos de topicalização desse argumento verbal em ambas as configurações nos textos dos dois períodos delimitados na linha do tempo.

No desenvolvimento do artigo, foi salientada a propriedade do Português Clássico em uso no séc. XVI e séc. XVII de topicalizar objetos diretos na forma de Top-V2, com a projeção de um núcleo Top dentro da oração. A próclise é generalizada nas ocorrências de Top-V2 com clíticos. Seguindo a proposta de Galves (2003, 2009) e Galves; Paixão de Sousa; Britto (2005), foi defendido, neste trabalho, que a posição pré-verbal dos clíticos nas ocorrências que dispõem de objeto topicalizado na forma de Top-V2, define a posição interna e/ou externa à oração de realização deste argumento verbal. Em se tratando do uso de objetos diretos topicalizados na forma de DEC, a realização de clíticos resumptivos em ênclise define o verbo como primeiro elemento dentro do contorno intoacional da oração. A variação da posição proclítica dos clíticos resumptivos nas ocorrências de DEC de ordem OXP, com o objeto em posição mais alta na estrutura da frase e outro elemento da oração ocupando a posição

de X, fica por conta de fatores sintáticos e/ou prosódicos, diferentes dos fatores que motivam a próclise nas ocorrências de Top-V2.

Como hipótese de trabalho, foi proposto que a restrição de formação de objetos diretos topicalizados na forma de Top-V2, concomitantemente à evolução de seu uso na forma de DEC nos textos a partir do séc. XVIII, é motivada pela atuação de uma nova gramática em desenvolvimento na língua naquele período histórico. Essa nova gramática não projeta um núcleo Top dentro da oração. O verbo e o sujeito não ocupam posições mais altas na estrutura da frase, o que leva à restrição de sintagmas com funções gramaticais diferentes de sujeito ocuparem uma posição pré-verbal dentro da oração. A posição pré-verbal passa ser a posição do sujeito; por conseguinte, a ordem SVO passa a ser a ordem não marcada das estruturas transitivas desse novo sistema gramatical.

GIBRAIL, Alba Verona. Structural changes in the forms of manifestation of topicalized direct objects in Classical Portuguese from the 18th century onward. **Revista do GEL**, v. 12, n. 2, p. 64-88, 2015.

ABSTRACT: *Classical Portuguese shows topicalized direct objects in two different configurations: in the form of Topicalization structure, that Gibrail (2010) defines as a Top-V2 structure; and in the form of Clitic Left Dislocation (CLLD). In the Top-V2 structures, the direct object occupies the Spec of a Top head inside the clause, evidenced by the widespread use of proclisis in sentences with clitics. In the CLLD structures, the topicalized direct object is performed as an adjunct outside the clause, defined by use of resumptive clitics in enclisis. From the 18th century onward there are structural changes that lead to the restriction of the topicalized direct objects in the form of Top-V2, leading to a concomitant increase in their realization in the form of CLLD.*

KEYWORDS: *Classical Portuguese. Topicalized direct object. Top-V2 structure. CLLD structure. Grammatical change.*

Referências

ANTONELLI, A. L. Aspectos da sintaxe de posição do verbo na história do Português Europeu. **Anais do Seta**, Campinas, v. 2, p. 27-33, 2008. Disponível em: <<http://www.iel.unicamp.swee/seta/ojs/viewissue.php>>. Acesso em 20 out. 2009.

_____. **Sintaxe da posição do verbo e mudança gramatical na história do Português Europeu**. 2011. Tese (Doutoramento em Linguística. Área de concentração: Linguística Histórica) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2011.

BARBOSA, P. **Clitic placement in EP**. Manuscript MIT, 1991, p. 1-54.

_____. Clitic placement in European Portuguese and the position of subjects. In: HALPERN, A.; Zwicky, A.M. (Org.). **Approaching second: Second position clitics and related phenomena**. Stanford: CSLI Publications, 1996. p. 1-4.

_____. **Two kinds of subjects pro**. Paper, 2009. Disponível em:<<http://people.pwf.cam.ac.uk/mtb23/NSP/barbosa%20twopkinds%20of%20subject%20pro.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2010.

CINQUE, G. **Types of \bar{A} -Dependencies**. Cambridge. The MIT Press, 1990.

FRASCARELLI, M.; HINTERHÖLZL, R. Types of topics in German and Italian. In: WINKLER, S.; SCHWABE, K. (Ed.). **On information structure, meaning and form**. Amsterdam, John Benjamins, 2007. p. 87-116.

GALVES, C. **Clitic-placement in the history of Portuguese and the syntax-phonology interface**. Ms. Unicamp, 2003.

_____. A sintaxe da Grammatica. In: ABAURRE, M. B. M.; AVELAR, J. O.; PFEIFFER, C. C. (Org.). **Fernão de Oliveira: uma história na linguagem**. Campinas, Pontes, 2009. p. 183-204.

_____. **A ênclise no português clássico: variação, gramática e uso.**

2012. Apresentação de Trabalho/Comunicação. Disponível em: <<http://www.tycho.iel.unicamp.br>>. Acesso em: 10 jan. 2014.

GALVES, C. M. C.; GIBRAIL, A. V. B. **Subject inversion from Classical to Modern European Portuguese: a corpus-based study.** 2012. Apresentação de Trabalho/ Comunicação no DIGS14. Disponível em: <<http://www.tycho.iel.unicamp.br>>. Acesso em: 10 ago. 2014.

GALVES, C.; PAIXÃO DE SOUSA, M. C. Clitic placement and the position of the subjects in the history of Portuguese. In: GEERTS, T.; VAN GINNEKEN, I.; JACOBS, H. (Org). **Romance Languages and Linguistics Theory.** Selected Papers from 'Going Romance' 2003. Amsterdam: John Benjamins, 2005. p. 93-107.

GALVES, C. M. C.; PAIXÃO DE SOUSA, M. C. The loss of verb-second in the history of Portuguese: subject position, clitic placement and prosody. Submission for publication in the Journal of Historical Syntax, pre-review-submitted version as of Wednesday, 5 June 2013, p. 1-24. Disponível em: <<http://www.tycho.iel.unicamp.br>>. Acesso em: 10 maio 2015.

GALVES, C., PAIXÃO DE SOUSA, M. C; BRITTO, H. The change in clitic placement from Classical to Modern European Portuguese: results from the Tycho Brahe Corpus. Journal of Portuguese. Special Issue on Variation and Change in the Iberian Languages: the Peninsula and beyond. Organização de José Ignacio Hualde. **Linguistics**, v. 4, n. 1, 2005.

GALVES, C.; SÂNDALO, F. From intonational phrase to syntactic phrase, the grammaticalization of enclisis in the history of Portuguese. **Lingua**, 122, 8, 2012, p. 952-974. Disponível em: <<http://www.tycho.iel.unicamp.br>>. Acesso em: 20 jan. 2014.

GIBRAIL, A. V. B. **Contextos de formação de estruturas de tópico e foco no português clássico.** 2010. Tese (Doutoramento em Linguística. Área de

concentração: Linguística Histórica) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2010.

KATO, M. A. Tópicos como alçamento de predicados secundários. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas-SP, v. 34, p. 67-76, 1998.

_____. The partial pro-drop nature and the restricted VS order in Brazilian Portuguese. In: KATO, M.A.; NEGRÃO, E.V. (Ed.) **Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter**. Frankfurt: Vervuert-Iberoamericana, 2000. p. 223-258.

_____. Mudança de ordem e gramaticalização na evolução das estruturas de foco no Português Brasileiro. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 375-385, 2009. Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/38/EL_V38N1_30.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2010.

KROCH, A. Reflexes of grammar in patterns of language change. **Language Variation and change**, Cambridge, n. 1, p. 180-244, 1989.

_____. **Morphosyntactic variation**. Papers from the 30th Regional Meeting of The Chicago Linguistics Society, 1994. Disponível em: <http://babel.ling.uppen.edu/papers/faculty/tony_kroch/papers/morphosynctax.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2009.

_____. Syntactic change. In: BALTIN, M.; COLLINS, C. (Org.). **Handbooks of Syntax**. New York: Blackwell, 2001, p. 1-37.

MARTINS, A. M. **Clíticos na história do português**. 2004. Tese (Doutoramento em Linguística Portuguesa) - Universidade de Lisboa, Lisboa, 2004.

_____. A posição dos pronomes pessoais clíticos. In: RAPOSO, E. P.; BACELAR, M. F.; MOTA, M. A.; SEGURA, L.; MENDES, A. (Org.). **Gramática do Português**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013, p. 1-62.

McCLOSKEY, J. **Resumption**. Paper, 2006. Disponível em: <<http://ohline.ucsc.edu/~jim/PDFfiles.synum.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2007.

NAMIUTI, C. Um estudo sobre o fenômeno da interpolação de constituintes na história do português. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 48, n. 2, p.171-194, 2006.

_____. **Aspectos da História Gramatical do Português: interpolação, negação e mudança**. 2008. Tese (Doutoramento em Linguística. Área de concentração: Linguística Histórica) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2008.

PAIXÃO DE SOUSA, M. C. **Língua Barroca: sintaxe e história do português nos anos 1600**. 2004. Tese (Doutoramento em Linguística. Área de concentração: Linguística Histórica) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2004.

RAPOSO, E. Clitic positions and verb movement. In: COSTA, J. (Org.). **Portuguese syntax: new comparative studies**. New York: Oxford University Press, 2000. p. 266-297.

RIZZI, L. The fine structure on the left periphery. In: HAEGMAN, L. (Ed.). **Elements of grammar: handbook of generative syntax**. London: Kluwer Academic Publishers, 1997. p. 281-337.

_____. Locality and Left Periphery. In: BELLETTI, A. (Ed.). **Structures and Beyond**. The Cartography of Syntactic Structures. Oxford: Oxford University Press, v. 3, 2004. p. 223-251.